Ele costumava chamar-me anjo. O seu anjo esguio com o cabelo louro mal cortado. Está mais comprido agora, chega-me aos ombros. Ficou mais escuro com o tempo. Tudo fica mais escuro com o tempo.

Todas as raparigas têm um primeiro amor. Ele foi o primeiro, mas também o último, o meu único amor. Ele era o motivo por que me levantava teimosamente da cama de manhã, o motivo por que lavava o cabelo e apanhava as roupas do chão. O motivo por que compro um novo batom, um novo perfume. Não mudam muito, os meus perfumes. Ele disse que eu cheirava como uma centena de flores misturadas, flores de citrinos misturadas, era esse o meu perfume fresco quando tinha dezuito anos. E durante todos estes anos procurei esse cheiro, nos armazéns baratos, nas perfumarias de Park Avenue, o cheiro de que ele se lembra. Tenho a certeza de que se lembra. Ou pelo menos tinha, até à noite passada.

Também sinto a falta dos meus vestidos. Eram copiados de revistas e feitos em casa. Lembro-me de experimentar um ves-

tido novo, a minha mãe ajoelhada ao meu lado com alfinetes na boca, subindo a bainha, apertando um pouco a cintura. Acentuando o decote, eu gostava dos meus ombros nus, das minhas costas nuas.

“Anjo, se eu te perder, vou lembrar-me de ti sentada neste banco. O vestido, o perfume, as tuas mãos no colo. Vou lembrar-me de como te moves, de como sorris, de coisas que dizes.”

“Da minha maneira de dançar?”

“Da tua maneira de dançar. De todas as músicas que dançamos um com o outro.”

E eu acreditei nele. Durante todos estes anos acreditei nele. Até à noite passada.

Claro que se lembrava do perfume dela. Como uma centena de flores diferentes. Embora nunca tivesse dormido com ela, por vezes sentia o seu cheiro ao acordar. E, uma vez, os escritores *pulp* e os poetas podem ter algo em comum, comprara uma toalha que se parecia com um dos vestidos dela. Flores também, um vestido de Verão sem costas, que ela usara um sábado à tarde quando tinham ido ao cinema. Havia noites em que não trabalhava na sua secretária, mas na mesa do canto com a toalha, onde se amontoavam livros, cadernos e lápis, uma chávena de café e um copo e onde, se comprasse flores, estaria uma jarra com flores do campo.

A sua rapariga. Conhecera-a quando tinha dezanove anos. Era um pouco como se nada tivesse acontecido antes, as viagens pelo México com o pai, o dia em que o avô o levara à ópera, Nova Iorque e a sombria casa familiar, as aulas na universidade. Fora num dia de Verão e ela estava sentada no muro

que dava para a praia, não usava um vestido estampado, mas um vestido azul, também sem costas, os ossos das suas costas comoviam-no, tal como o cabelo louro mal cortado, as pernas nuas que balançava distraidamente, as sandálias de praia. Sentara-se no muro que dava para a praia, a alguma distância dela, com um livro nos joelhos, algo de F. Scott Fitzgerald, e fingira ler. A sua ligação com Fitzgerald era recente, *The Great Gatsby* e *Tender Is the Night*, e alguns contos. Mas era assim que queria escrever.

Escrevia desde que voltara para Nova Iorque, no quarto um pouco escuro da casa da família, as cortinas de renda muito brancas afastadas, uma árvore lá fora. Era uma casa silenciosa e um pouco triste, talvez todas as casas de família fossem assim, com naperons nos móveis e jarras com as mesmas flores. Por vezes sentia falta dos desertos do México, do pai a conduzir com uma garrafa no porta-luvas, nunca o vira beber quando estavam juntos. E de vez em quando iam ao cinema, ao teatro ou à ópera. Um bom motivo para amar alguém: “*he took me to the movies*”. E quando ele o enviara para casa da família da ex-mulher, a sensação de abandono, de escuridão. Todas as histórias acabavam assim. Ou não acabavam.

A rapariga não tinha o tom bronzado de quem vivia perto do mar ou de um lago. Uma leve cor de quem passeava ao domingo ou ao fim de tarde ao longo da muralha. Como ele mesmo. Era magra como ele, mas de uma magreza perfeita, seios pequenos, cintura estreita, pernas compridas e bem torneadas. Os olhos eram azuis, a boca, pequena e carnuda e, no meio do cabelo, uns brincos que acompanhavam o seu comprimento. Brincos baratos, sem dúvida, como o batom que usava, ela não devia gastar muito dinheiro em batom.

Nem por um momento pensou em aproximar-se. Ainda não. Queria-a assim, a uma certa distância. O seu arzinho orgulhoso, quase arrogante, servia para afastar outros rapazes que a observavam de longe. Mas quando se levantou, com um gesto ágil que fez com que os pés deixassem de balançar no vazio e pousassem no chão do outro lado do muro, ele foi o único a segui-la. Viu-a comprar um gelado num quiosque e minutos depois entrar num autocarro. Ele entrou no último instante e sentou-se ao fundo; desceu na mesma paragem e continuou a segui-la até um prédio na rua seguinte. Um prédio pobre, mas com bom aspecto, flores nas janelas, miúdos brincando na escada de incêndio e no passeio. Esperou um pouco para se certificar de que ela não voltava a sair e voltou para a paragem do autocarro.

A sua rapariga. O mais difícil fora encontrá-la. Agora sabia quem ela era, onde morava, de que cor eram os seus cabelos e os seus olhos. E teve a intuição de que passaria o resto da vida a escrever sobre ela, não importava se escrevesse como Fitzgerald ou como Faulkner, ela estaria sempre lá.

Conheceram-se numa noite de Julho, uma noite muito quente. As pessoas estavam nas ruas, nas margens do lago — a água dava uma ilusão de frescura. Ela trazia um vestido azul um pouco desbotado, sem costas, o cabelo curto puxado para trás das orelhas; usava uns brincos compridos que se misturavam com o cabelo. Dissera à mãe que ia sair com duas amigas, mas livrara-se delas em poucos minutos. Sentou-se no muro junto ao lago, balançando as pernas nuas contra as pedras, as velhas sandálias de praia quase caindo uma ou duas vezes. Estava

feliz sem saber porquê. O pressentimento de alguém. E então viu o rapaz.

Ele devia ter a sua idade, era alto, com o cabelo louro-escuro. A forma como a olhava fê-la estremecer. Mais tarde ele disse-lhe: “Eras a coisa mais bonita que eu vira na minha vida. E tinha tanto medo de que desaparecesses.”

A rapariga reconheceu o livro que ele tinha sobre os joelhos, estudara-o na escola. Contos de Scott Fitzgerald. Não gostava muito de Fitzgerald — nunca percebera o que viam no *The Great Gatsby* — mas recordava com carinho a história de uma rapariga que cortava o cabelo. *Bernice Bobs Her Hair*. Ou seria *Beatrice Bobs Her Hair*?

Durante algum tempo, perguntou-se se ele viria ao seu encontro. Apetecia-lhe um gelado e tinha pouco dinheiro. Mas ele abriu o livro e pareceu esquecê-la. Decidiu ir para casa e comer um gelado de morango pelo caminho.

No dia seguinte, quando estava sentada na escada de incêndio com uma revista de cinema, deixando o cabelo secar ao sol, avistou-o no passeio. Fitaram-se por um momento, depois ela entrou, vestiu um casaco leve — o tempo estava muito mais fresco — e desceu as escadas.

Ficaram em pé diante um do outro. Ele estava um pouco pálido e o instinto maternal dela — embora não ligasse muito a bebés, preferia animais recém-nascidos — despertou.

“Pareceu-me que eras tu.”

“Tinha de ver-te.”

Ela não perguntou porquê. “Como sabias onde era a minha casa?”

“Segui-te.”

“Não te vi no autocarro.”